



O MITO DA PRODUTIVIDADE NA PANDEMIA: ENSAIO E RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ana Beatriz Bernardes¹

INTRODUÇÃO

Esse texto é um ensaio a respeito de produtividade que se baseia na minha experiência de Estágio Curricular Obrigatório na Faculdade de História na Universidade Federal de Goiás. O texto também fez parte, em uma versão anterior, do meu Relatório Final de Estágio, que conta com os relatos e atividades desenvolvidas ao longo de quatro semestres da disciplina de Estágio Obrigatório.

Todos os estágios obrigatórios eu realizei em grupos, que foi se alterando no número e em pessoas: O Estágio 1 em 2019/1 no CEPAE², o Estágio 2 em 2019/2 na Escola Estadual Gracinda de Lourdes³, e então no ensino remoto emergencial (ERE) em março de 2020, que o semestre equivalente à 2020/1 voltei ao CEPAE para o Estágio 3 e depois 4 na mesma instituição em 2020/2⁴.

PRODUTIVIDADE ESCOLAR

Algo observado por mim e minhas colegas nos períodos de estágio, foi a postura dos professores perante o ERE: nós os vimos se dedicar, tentar se ajustar às novas

¹ Graduada em História pela Universidade Federal de Goiás. Endereço eletrônico: <http://lattes.cnpq.br/6667650540734395>

² Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) é uma unidade da Universidade Federal de Goiás e oferece gratuitamente o Ensino Fundamental 1, 2 e Ensino Médio, e cursos de pós graduação em educação, foi fundado em 1968 e colabora diretamente na formação de novos professores dos cursos de licenciatura da UFG, além de trazer metodologias inovadoras para seus alunos do ensino básico. As turmas que observamos e trabalhamos nos estágios foram do 6º ano E.F. até o 3º ano do E.M.

³ A Escola Estadual Gracinda de Lourdes está situada no centro da cidade de Goiânia - GO. Oferecem Ensino Fundamental 1 e 2 gratuito para a população. As turmas que observamos e trabalhamos nos estágios foram do 6º ano E.F. até o 9º ano do E.F.

⁴ Esclarecendo: o semestre institucionalmente chamado 2020/1 na realidade aconteceu de agosto a dezembro de 2020; o semestre institucional 2020/2 aconteceu de março a junho de 2021.





plataformas, às novas formas de avaliação, à solidão de dar aula para uma tela, e ainda terem uma cobrança enorme de produtividade. Eles viviam rotinas caóticas, agora ainda mais estressados assumindo muitas turmas, coordenando múltiplos projetos simultâneos, tendo que orientar e participar de bancas de TCC e pós-graduação, e de TECEM, além de claro, cuidar da própria saúde, de suas casas e de seus relacionamentos interpessoais.

O estado caótico do país desde o golpe de 2015 afetou/afeta gravemente nossa saúde física e mental, afetando por tabela nossa produtividade. Esse caos é um projeto neoliberal (ROSÁRIO, 2020, p. 38)⁵ acentuado pelo bolsonarismo e nos cerca por todos os lados. Como ter alta produtividade em uma crise sanitária global, educação em desmonte, casos acumulados de desmatamento, genocídio de pessoas periféricas, e claro, ver todos os dias o número de mortos subir?⁶

Problemas como desigualdade social, baixa renda familiar, dificuldades de acesso, deficiências, bullying, distorção idade-série e exigências de produtividade escolar, eram questões extremamente urgentes de serem debatidas e resolvidas no meio educacional, por causarem grandes taxas de reprovação e evasão escolar. A pandemia de Covid-19 agravou muito esse quadro, contribuindo para a “cultura do fracasso”. Esse é o termo usado no estudo ‘Enfrentamento da cultura do fracasso escolar’ da UNICEF, em que no Brasil “estima-se que mais de 5,5 milhões de crianças e adolescentes tiveram seu direito à educação negado em 2020.”, a pesquisa mostra que o mesmo grupo de crianças que já sofriam com a exclusão escolar antes da pandemia, é o que foi ainda mais atingido em 2020.

As professoras doutoras Aline Moura e Andreia Cruz (UFRRJ), escreveram um artigo sobre o *produtivismo* acadêmico em tempos de pandemia, em um fenômeno chamado de *fast science*. Elas defendem que a pandemia agravou o que se é exigido dos

⁵ ROSÁRIO, Luana. *Necropolítica Genocida de Bolsonaro em tempos de Pandemia e o Projeto Ultra-Neoliberal*. RICS: Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade. v. 6, n. 2, jul./dez. 2020

⁶ São 19.797.086 casos acumulados confirmados no dia 28 de julho de 2021, atualizado às 19h50. Painel Coronavírus.





docentes, porém acredito que seja possível estender o argumento aos professores da educação básica:

(...) os docentes têm sido ‘pressionados’ a manterem sua rotina de trabalho, por meio de teletrabalho em prol de uma normalidade que não existe mais, ou seja, é errôneo cremos que por estarmos em casa, teremos mais tempo para sermos mais produtivos, escrever artigos científicos e nos dedicarmos à produção científica. Ao contrário, cabe destacar que essas atividades, em excesso, podem prejudicar a saúde mental dos profissionais da educação. (MOURA; CRUZ, 2020, p. 223)

É interessante ressaltar que as professoras dizem “em prol de uma normalidade que não existe mais”, ou seja, se antes era caótico, tentar fingir ou manter essa normalidade significa manter essa lógica prejudicial.

Essas demandas produtivistas também são aplicadas aos alunos. Vi em minha turma de estágio muitos colegas que tinham que trabalhar simultaneamente às aulas da faculdade, se exporem ao vírus diariamente na rua, trabalho ou transporte coletivo, que têm filhos pequenos, ou então que são cuidadores de seus pais e avó. Por outro lado, outros de nós caímos no mito de que por estarmos em casa poderíamos nos comprometer com mais trabalho ou mais disciplinas.

Analisando meu histórico pessoal como estudante, moldado por lógicas mentais de meritocracia e *produtivismo*, vejo a urgência de reavaliar conceitos como “dia produtivo”, “sucesso”, e “aluno inteligente”. A escola, como reflexo da sociedade “lá fora”, valoriza o aluno que tem um desempenho quantitativo, de notas como mediadoras do que é ter sucesso ou não, e do que é ter inteligência ou não. Para a meritocracia, o bom aluno - o aluno produtivo - é aquele que tem todas as notas acima da média e estuda por várias horas. O problema dessa linha de raciocínio é que se desconsidera questões como o ambiente familiar, limitações físicas e mentais, condição social, acesso à escola e à materiais didáticos, entre outros. Ou seja, se as pessoas não têm as mesmas oportunidades e recursos para estudar, é desleal exigir o mesmo desempenho.





Na minha experiência, os colégios particulares conseguem reforçar isso ainda mais. Vou fazer agora um breve relato de uma conversa que tive com meu irmão mais novo, R. B.⁷, atualmente 19 anos:

Meu irmão R.B. sempre foi uma criança considerada “diferente”, com um diagnóstico cedo de Transtorno de Déficit de Atenção e autismo, tendo muita dificuldade em quase todas as matérias e na socialização, porém apresentando talentos e aptidões que não eram tão valorizadas. Isso tudo foi potencialmente elevado no ano de 2020 com a pandemia, ano este em que tinha 17 anos e fez o 3º ano do Ensino Médio no colégio particular que estudou por cinco anos em Goiânia.

R.B. estava em um contexto de isolamento e solidão sem os colegas, além de que a falta do contato físico com o ambiente da escola lhe causou ainda mais dificuldades para acompanhar o conteúdo. Sua rotina era: ficar no quarto para ter aula todos os dias da semana das 8h ao 12h40, treze matérias fragmentadas, vinte e dois professores, atividades para casa, duas provas bimestrais por professor em formato questionário padrão e listas de exercícios.

Certo dia ele me narrou o quanto estava frustrado, com saudade da escola, professores e amigos, estava sem motivação, sem perspectiva, e com inveja dos amigos. Ao ser indagado pelo último tópico ele disse que não conseguia estudar como os colegas, que agora em casa estavam estudando por até 12 horas. Eu fiquei incrédula em como na cabeça de um adolescente essa informação lhe parecia plausível, me apressei em dizer que NINGUÉM consegue estudar tanto e que mesmo que os outros colegas não demonstrassem, estavam todos também frustrados como ele. Eu lhe reforcei o contexto que vivíamos e que era normal ele não estar bem.

⁷ Este é um relato pessoal, foi descrito aqui como me lembro. As informações foram repassadas ao meu irmão a fim de manter a verossimilhança, ele também preferiu manter o nome em sigla a fim de preservar sua identidade.





A partir desse relato, e, da minha vivência em escolas particulares, afirmo que, nessas escolas é demandado dos professores uma grande quantidade de conteúdo, mas não necessariamente uma qualidade na formação de novos cidadãos, e é esperado dos alunos que obedeçam às normas e tirem boas notas: uma preparação para o mercado de trabalho extremamente adoecido e competitivo atual.

“NOVO NORMAL”

Além do Estágio Curricular Obrigatório, realizei por dois anos um estágio não-obrigatório em uma escola particular em Goiânia-GO que atende, alunos e famílias de classes abastadas. Nessas escolas caríssimas, houve uma adaptação veloz ao ERE contando com o alto padrão de vida e acesso de quase 100% dos alunos aos recursos tecnológicos necessários, além de iniciarem o ensino híbrido adaptado o mais rápido possível. No ano de 2020, em que trabalhei como monitora, corretora de provas e atividades da escola de forma remota, não vi nenhuma diminuição da carga de trabalho para os funcionários ou de conteúdo para os alunos - comparado ao trabalho presencial regular em 2019. Algo semelhante à experiência vivida pelo meu irmão, os alunos de lá estavam constantemente reclamando do excesso de atividades, da exaustão, ansiedade e medo do futuro.

Nessa escola, a carga era: média de 7,0 pontos para aprovação, participação em várias aulas consecutivas a manhã toda e algumas à tarde, além de provas semanais. São exigências que eram altas, e não foram revistas ou adaptadas ao novo contexto de crise; não foi discutido no ambiente escolar a saúde mental dos alunos e funcionários.

Cabe então aqui, algumas questões sobre meritocracia e o “novo normal”: não é o mérito do aluno do particular que é maior, e sim o seu incentivo, as condições físicas, econômicas e sociais que fazem com que ele tenha mais chance de entrar em uma universidade pública ou ingressar no mercado de trabalho. O mesmo vale para os docentes: o mesmo professor muitas vezes não consegue desenvolver as mesmas atividades na mesma série, mas em escolas particular e pública. Isso não diz que os





professores de escola pública têm menos mérito ou qualificação, e sim menos possibilidades e mais obstáculos de trabalho. E como dito, a pandemia veio reforçando as desigualdades, portanto essa nova normalidade é ainda mais desigual,⁸ e reforçou ainda mais problemas estruturais que afligem o sistema educacional brasileiro.⁹

As exigências feitas aos alunos e professores está diretamente relacionada às políticas educacionais atuais do país. Em Goiás, há uma lógica empresarial e *neotecnista* (SILVA, 2019, p. 14) que foca muito mais nos resultados obtidos nas avaliações e índices - como o Índice de Desenvolvimento da Educação Goiana (Idego) e o Sistema de Avaliação Educacional do Estado de Goiás (Saego) que é baseado no Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) - do que na formação cidadã, incentivo e desenvolvimento de habilidades dos estudantes, desenvolvimento da saúde e formação crítica. Nesse ponto, as escolas se tornam ambientes de competitividade por números e não espaços de genuíno crescimento e desenvolvimento qualitativo.

As métricas esperadas, fruto dessas políticas, geram um espaço de estresse, ansiedade, depressão e pânico - de alunos, professores e funcionários. Contudo em sites como da Organização Pan Americana de Saúde (OPAS) a escola só é apontada como uma ferramenta para *ajudar* a combater problemas de saúde mental na adolescência, o ambiente escolar não é apontado como *causador* de ansiedade e depressão - exceto na questão do bullying, que mesmo assim não é um problema *da* escola e sim de alguns alunos.

Pensando nesses dois aspectos: quantidade acima de qualidade, e adoecimento dos membros escolares; compreendo que o governo federal não manifestou qualquer interesse em rever esses princípios nesse momento tão delicado, e mesmo que as secretarias estaduais tenham certa autonomia, também não encontrei grandes movimentações para

⁸ “O conjunto dos 10% do topo (os mais ricos) de cada região metropolitana teve redução de -3.2% em seus rendimentos, enquanto entre os mais pobres a queda foi -32.1%.” dados do estudo da PUCRS no *Boletim - Desigualdades nas Metrôpoles*.

⁹ “Mais de 5,5 milhões de crianças e adolescentes não tiveram atividades escolares em 2020. É o que revela o estudo ‘Enfrentamento da cultura do fracasso escolar’, lançado pelo UNICEF, em parceria com o Instituto Claro, e produzido pelo Cenpec Educação.” - Unicef Brasil.





rever esses conceitos, e sim, ações e medidas para manter uma normalidade. Aulas, matérias, atividades sendo transmitidas por outras mídias como internet, tv e rádio, pouco inclusivas. É uma lógica empresarial, em que a educação é um produto, e deve continuar na esteira de produção independente do caos externo.

Argumento então que a produtividade esperada nesse período é um mito, pois, mesmo antes, tínhamos problemas graves para resolver e esperar manter uma lógica adoecida, é desonesto tanto com os docentes quanto discentes. Entendo que essa lógica é muito forte nas escolas particulares, pois acompanham a premissa do governo federal de desde o início da pandemia, de que a economia não pode parar¹⁰, lembrando sempre que, antes de ser uma escola, é uma empresa inserida em um país capitalista regido pelo lucro.

Em abril de 2020, o intelectual e liderança indígena, Ailton Krenak, compilou em um *e-book* chamado *O amanhã não está à venda*, algumas entrevistas concedidas sobre o contexto pandêmico. O *e-book* está disponível gratuitamente na internet e vale muito a leitura. Destaco:

Governos burros acham que a economia não pode parar. Mas a economia é uma atividade que os humanos inventaram e que depende de nós. Se os humanos estão em risco, qualquer atividade humana deixa de ter importância. Dizer que a economia é mais importante é como dizer que o navio importa mais que a tripulação. Coisa de quem acha que a vida é baseada em meritocracia e luta por poder. Não podemos pagar o preço que estamos pagando e seguir insistindo nos erros. (KRENAK, 2020, n.p.)

Essa é precisamente a ideia central desse texto. Tomando emprestadas as palavras de Krenak, a lógica em que vivíamos antes era um “erro”, o *produtivismo* como modo de vida era/é nocivo; seguir esse modelo em meio a uma crise global é dizer que a atividade econômica voltada ao lucro é mais importante que acolher as pessoas.

CONCLUSÃO SOBRE A EXPERIÊNCIA NO CEPAE

¹⁰ SEM AUTOR. "Economia não pode parar", diz Bolsonaro ao setor produtivo brasileiro. 2020. CNN Brasil.





Instituições de ensino federais, como o CEPAE, antes da pandemia adotavam um *modus operandi* diferente de particulares. É uma instituição que era modelo não só de aprovação no ENEM¹¹ e vestibulares, mas também da formação de cidadãs e cidadãos mais críticos ao mundo, que são capazes de ler os acontecimentos e formular um pensamento autônomo, além de não funcionarem com sistema de notas quantitativas. O CEPAE consegue fazer o balanço quase ideal entre conteúdo e formação crítica, pois desenvolve muitas atividades interdisciplinares ao longo de todo o ano letivo, fortalecendo o trabalho conjunto entre professores. No período remoto trabalhamos em conjunto História, Geografia e Espanhol: o foco era no México século XX e na história do movimento chicano, e para traçar as relações desse movimento com os EUA e México usamos mapas, assim como textos de base em espanhol explorados nas aulas síncronas.

Tendo tudo isso em vista, a minha experiência como estagiária no CEPAE foi excelente. No ensino remoto, sentimos muita falta do contato com os alunos, e de todas as outras questões que o trabalho online traz, mas na medida do possível foi boa. O acompanhamento que a professora supervisora Rita de Cássia Reis de Oliveira deu ao nosso grupo nos ajudou muito e foi através dela que pudemos compreender um pouco da organização do CEPAE para o ERE: menos aulas, menos pressão por notas, foco no desenvolvimento cognitivo e crítico dos alunos, atividades quinzenais das disciplinas, e organização de blocos de interdisciplinaridade que ajudaram os alunos a compreenderem mais de um conteúdo por vários ângulos, além da preocupação com a duração das aulas evitando o esgotamento mental dos professores, alunos, e dos próprios dados móveis de internet, ou seja, considerando os múltiplos quadros sociais familiares da escola. O CEPAE era, mas se tornou ainda mais um modelo a ser seguido por outras instituições de ensino, que pretendem fazer um trabalho sério de preparação e formação dos estudantes.

¹¹ Em 2016 o INEP divulgou que o CEPAE teve nota 559, ficando à frente de todas as particulares e públicas - como escolas militares. Obs.: o ranking não considerou os Institutos Federais.

PIRES, Carolina. Cepae/UFG é a melhor escola pública de Goiás. **UFG**, 2016. Disponível em: <<https://www.ufg.br/n/91950-cepae-ufg-e-a-melhor-escola-publica-de-goias#:~:text=Com%20a%20nota%20m%C3%A9dia%20de,escolas%20particulares%20brasileiras%2C%20de%20556>> Acesso em: 28 de maio de 2021





E para finalizar, devo dizer que esse é um texto aberto, não grandes soluções, pois como dito, esse é um problema estrutural que requer múltiplas ações de vários setores, pretendo com esse texto apenas dar voz ao problema e levantar a discussão. Minha vivência na pandemia foi caótica e ajudou a reforçar problemas estão concretados pela lógica produtivista capitalista que mercantilizou (MOURA, CRUZ, 2020, p. 9) a educação e o nosso desempenho escolar/acadêmico, sendo urgente uma revisão do que se é considerado “normal”.

“Tomara que não voltemos à normalidade, pois, se voltarmos, é porque não valeu nada a morte de milhares de pessoas no mundo inteiro.” Ailton Krenak - O amanhã não está à venda (2020)

BIBLIOGRAFIA

KRENAK, Ailton. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MOURA, A. C.; CRUZ, A. G. *Ensino superior e produtividade acadêmica em tempos de pandemia*. Rio de Janeiro, V. 6 – N. Especial – pág. 222 – 244 – (jun. – out. 2020): “Educação e Democracia em Tempos de Pandemia”. Disponível em <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/51813/35692>>

ROSÁRIO, Luana. *Necropolítica Genocida de Bolsonaro em tempos de Pandemia e o Projeto Ultra-Neoliberal*. RICS: Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade, v. 6, n. 2, jul./dez. 2020. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/article/view/15815/8390>>

SILVA, L. G. A. da. Novos parâmetros de gestão na escola pública: o perfil e os sentidos meritocráticos contidos no processo de reforma educacional na rede pública estadual de ensino de Goiás. *Jornal de Políticas Educacionais*. V. 13, n. 22. jun. 2019.

Sites consultados:

PAINEL CORONAVÍRUS. **Coronavírus Brasil**, 2021. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 28 jun. 2021.





PIRES, Carolina. Cepae/UFG é a melhor escola pública de Goiás. **UFG**. 2016. Disponível em <https://www.ufg.br/n/91950-cepae-ufg-e-a-melhor-escola-publica-de-goias#:~:text=Com%20a%20nota%20m%C3%A9dia%20de,escolas%20particulares%20brasileiras%2C%20de%20556>> Acesso em: 28 mai. 2021

SEM AUTOR. Cultura do fracasso escolar afeta milhões de estudantes e desigualdade se agrava na pandemia, alertam UNICEF e Instituto Claro. 2021. **Unicef Brasil**. Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/cultura-do-fracasso-escolar-afeta-milhoes-de-estudantes-e-desigualdade-se-agrava-na-pandemia>> Acesso em: 28 jul. 2021

SEM AUTOR. Desigualdade social cresce nas metrópoles brasileiras durante a pandemia. 2020. **PUCRS**. Disponível em: <https://www.pucrs.br/blog/desigualdade-social-cresce-nas-metropoles-brasileiras-durante-a-pandemia/>> Acesso em: 28 jul. 2021

SEM AUTOR. "Economia não pode parar", diz Bolsonaro ao setor produtivo brasileiro. 2020. **CNN Brasil**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/03/20/economia-nao-pode-parar-por-causa-do-coronavirus-diz-bolsonaro>> Acesso em: 29 mai. 2021

